

Boletim de Ocorrência

032



Por
Celito De Grandi

Duas décadas de mistério

A série sobre episódios enigmáticos lembra caso do menino que saiu de casa, em Canoas, para jogar bola e nunca mais foi visto

Passaram-se 18 anos. E continua a ser um dos grandes mistérios da história policial do Estado. Talvez o maior deles, nos tempos modernos.

Como pode um menino de 14 anos desaparecer por completo depois de sair de sua casa, na Vila Hércules, em Canoas, para jogar bola na praça a um quilômetro de distância?

É verdade que houve um pedido de resgate de US\$ 200 mil – US\$ 309,7 mil (R\$ 600,8 mil) em valores de hoje.

O pai do menino, empresário da área de transportes, dispunha-se a conseguir o dinheiro. Já tinha em mãos uma importância significativa, capaz de sensibilizar os sequestradores. Apenas exigiu uma prova de que o filho estava vivo.

Mas as comunicações dos sequestradores cessaram depois do primeiro telefonema. Para sempre.



Marcelo da Rocha Alifantis tinha por hábito brincar com os amigos nas tardes de verão, na praça próxima de sua casa. Naquele dia 5 de janeiro de 1994, às 14h, avisou a mãe e foi para lá.

A última pessoa a vê-lo foi o economista da Associação dos Moradores do Conjunto Hércules, Adônis Dias Camargo, por volta das 14h30min. O garoto de sorriso aberto e cabelos longos conversava com dois homens jovens, desconhecidos.

Só no início da noite os sequestradores fizeram o primeiro contato. E, a partir daí, todos os membros da família Alifantis passam a viver dias tortuosos de expectativas e frustrações.

Os amigos e colegas promovem um encontro e rezam pelo seu reaparecimento, enquanto a polícia mobiliza um enorme contingente para acompanhar a evolução das negociações que, na verdade, haviam sido interrompidas.

Começa um longo silêncio na casa dos Alifantis.



Uma semana depois, a polícia promove uma ação espetacular. Com um helicóptero do Departamento Aeroviário do Estado e três lanchas, 25 policiais percorrem as ilhas das Garças e Paquetá, no canal do Furado, que liga os rios dos Sinos e Gravatá, à procura do cativo, uma casa onde haveria muito movimento à noite, conforme a denúncia. Foi encontrado apenas o casebre onde residia um casal de idosos.

No décimo dia do sequestro, a família de

Marcelo distribui uma nota na qual afirma que a polícia está ausente do caso e pede um contato telefônico com o menino e o prosseguimento das negociações. A resposta é o silêncio.

A partir daí, foi um sem-número de trotes com a marcação de locais para entrega do dinheiro e libertação do menino.

O pai foi, pelo menos duas vezes, a pontos indicados por pretensos sequestradores, mas ninguém apareceu.

Completados dois meses do dia do sequestro, não havia ocorrido nenhuma evolução, apenas suspeitas e novos trotes.

Várias hipóteses foram aventadas, entre elas a possibilidade de serem sequestradores de fora do Estado, pois aqui nunca havia acontecido algo semelhante.

Na casa dos Alifantis, as esperanças começam a definir.



Quase dois anos depois, a polícia desencadeia uma série de ações, a partir do testemunho de um presidiário. Ele pretendia a liberdade.

Em maio de 2002, depois de receber uma carta anônima, a Corregedoria da Polícia Civil reabre as investigações e acaba por indiciar sete pessoas, entre elas um delegado e dois policiais. A prisão preventiva foi decretada por formação de quadrilha, extorsão mediante sequestro e ocultação de cadáver. Mas em abril do ano seguinte, a Promotoria Especializada Criminal decide pedir o arquivamento da investigação:

“... o contexto probatório não se apresenta contundente...”

E o caso Alifantis é arquivado pela Justiça de Canoas.



Anastassios, o pai de Marcelo, vive hoje em Curitiba e continua a atuar no ramo de transportes.

Não tem suspeita e sequer pode imaginar quem possa ter sido o autor do sequestro do filho:

– Não tínhamos inimigos.

Ele aprova a atuação da polícia, mas faz uma ressalva:

– Eu pedi que o caso fosse mantido em sigilo, mas eles liberaram para a imprensa, já no primeiro dia, foto e informações sobre o Marcelo.

E fala com saudade do filho desaparecido há duas décadas:

– Acredito que ele está vivo. Tudo é possível, ele pode ter perdido a memória.



Marcelo da Rocha Alifantis



Quando a família pediu prova de vida para pagar resgate, sequestradores cessaram contatos



Sumiço do garoto mobilizou familiares e amigos, mas falta de pistas prejudicou as investigações

